

Os anarquistas italianos

Em 24 de Janeiro, reuniu-se em Pisa um convênio dos anarquistas italianos para discutir a questão da guerra. Estavam representados 4 jornais e cerca de 70 grupos, além de 31 congressistas não delegados. Mandaram cartas de adesão 58 grupos mais, assim como 95 camaradas. Há jornais, grupos e indivíduos que não aderiram ao convênio, mas estão de acordo com a opinião formulada em Pisa, que é, salvo raras exceções, a de todos os camaradas italianos.

Os congressistas, afirmando de novo a sua aversão irreductível a qualquer Estado e a qualquer guerra que não seja a de libertação e emancipação social, e o seu firme ideal internacionalista e anarquista, contrário a qualquer forma de colaboração e acordo com as classes burguesas e militaristas de qualquer nacionalidade ou raça; incumbem a imprensa anarquista representada no Convênio de promover entendimentos com os camaradas do exterior para convocação duma reunião internacional, destinada a combinar um plano de acção simultânea e imediata a fim de impedir o alargamento da guerra, impor a sua cessação e fazer uma nova afirmação de princípios internacionalistas; comprometem-se a propugnar desde já agitações antigueristas, lançando um manifesto ao povo, convocando comícios, iniciando movimentos contra a desocupação e o encarceramento dos géneros e agitando a proposta duma greve geral, de protesto primeiro, insurreccional em seguida.

Questão de centavos!

Dissemos que, para vantagem da nossa causa comum, para conservação da nossa unidade moral, a despeito das divergências doutrinais, era conveniente que, neste momento de crise e de atmosfera sobrecarregada de hostilidades e suspeições, todos os anarquistas se agrupassem em torno dos jornais existentes; e que a fundação do *Germinál* nos parecera um erro, não só por isso, mas sobretudo por vir, na maldadada questão que actualmente nos separa, dar a todos, de dentro e de fora, a impressão duma cisão.

Quais as nossas preocupações? Evidentemente o bem da nossa causa. Por isso também é que sustentamos, á custa de muitos sacrifícios e há muitos anos, esta modestíssima folha, bem defeituosa, bem pouco á altura da sua missão, mas ao menos amanhada com sinceridade e paixão. Todos sabem que ela é um órgão de propaganda e não uma empresa comercial, que nela não nos guia, não pode guiarnos a preocupação do centavo, que com ela só auferimos conselhos, desgostos e injustiças—além do prazer que nos dá a propagação.

Julgávamos nós que essa justiça ao menos nos seria prestada por todos—amigos e adversários. Pois, não; os camaradas do *Germinál*, interpretando de maneira imprevista o nosso artigo *franquezinha franca* (relêdo-o no nosso n.º de 31 de Janeiro), accusam-nos de fazermos uma questão de centavos, de vermos no *Germinál* um concorrente e de tratarmos por isso de o desacreditar! Nós não discutimos com eles por amor ás ideias: é por causa dos centavos! Nós que com alegria teríamos aceitado a sua colaboração assídua, que de bom grado lhes teríamos abandonado o principal encargo da redacção!

Nós temos por eles, pelo seu passado, pelo seu labor desinteressado, pelos grandes serviços que tem prestado á causa, pela sua indiscutível boa-fé, muito mais respeito, e, assim, apressamo-nos a esclarecer uma frase nossa, cuja má redacção pode originar equívocos. Quisemos dizer, referindo-nos aos fins do *Germinál*, que os camaradas que o fundaram traziam, além dos costumados intuitos de propaganda, o de combater as ideias que defendemos a propósito da conflagração—naturalmente julgando-as errôneas, como nós julgamos errôneas e causadoras de confusão, as que eles, nesse ponto, nos opõem.

Francamente; cuidávamos que

nos camaradas do *Germinál*, pessoas cultas e inteligentes, além de perfeitamente honestas, fomos encontrar mais fartura daquela serenidade de espirito e daquela disposição benévola para entender o adversário e para o interpretar no melhor sentido que são indispensáveis numa verdadeira discussão de ideias, que não deve ser o catar e recortar de frases soltas, nem a troca de alfinetadas, motes sibilinos e palavras ofensivas.

Apontamentos

Os «moços republicanos intransigentes» todos se esganicam a gritar contra a infracção da lei mór cá da «Jaquina», vulgo Constituição política da república portuguesa, porque um governo foi derrubado e um outro fóra organizado sem se seguir as praxes constitucionais.

Pelo visto, parece que aqueles moços são uns estrênuos defensores dos princípios Constitucionais—a intangibilidade da constituição. Pois não é nada disso: eles são unicamente uns pugna-dores do partido do «pauzinho superaviteiro», de funesta e trágica memória para as classes trabalhadoras. E' que se não fosse assim, te-los-íamos visto protestar contra a infracção levada a cabo contra aquela lei mór, pelo partido democrático e que eles tão denodadamente pugnam, estando no governo aquêlê *tiranete ridiculo*, que se denominava um segundo Marquez de Pombal e com pretensões estultas a um Robespierre—Afonso Costal

Então, coartavam-se todos os direitos e garantias do cidadão consignadas na constituição desta democrática república: não se podia falar, não se podia escrever e não se podia reunir (quem não fizesse côro com o partido democrático—formigo—biológico...). Era a tirania que imperava e a opressão que campeava!

Mas os «moços republicanos intransigentes» não descortinaram que esse período de supremo arbítrio ofendia os princípios democráticos da nossa Constituição, bem como envergonhava a Pátria e a República, antes dirigiam encômios, lá na gasêta da mocidade, áquêlê que personificava e representava o despotismo vermelho de que jamais imperou na lusitana terra e que, evidentemente, ofendia aquêlê que eles hoje ousam afirmar que outros ofenderam.

Pois, então, onde paravam a sua intransigência e a sua intangibilidade de princípios democráticos? Tinham fenecido com as menses distribuídas ou a distribuir a quem seguira outr'ora a arte de Guernberg...

Pobres moços! como vos deixais arrastar no turbilhão das réles política, sobrepondo a barriga e o facciosismo respectivamente ao cérebro e á coerência. Oh! quanto, não seria, mais dignificadora, mais altruista a vossa acção, o vosso esforço, infilteirando-vos ao lado daqueles moços de espirito libertário, e consciencia revoltada contra esta crepúscula sociedade, em prol da integral emancipação da humanidade. Porém, a venda ignara obscurece-vos o espirito e a grielheta política mantenta-vos o esforço de arremetêdes contra o preceito de a mentir e a convenção, que são o apanágio da sociedade burguesa e capitalista.

Causais-me tédio, lastima e revolta...

MAGALHÃES JUNIOR.

REUNIÃO

Afim de se discutir um assunto de grande importância e interesse para a propaganda, convidado todos os camaradas do grupo *Propaganda Libertaria* a reunirem, hoje, pelas 20 horas, no local do costume, E. G., secret.

A Carestia da vida

Como fóra anunciado na imprensa diária e por um vibrante manifesto que a comissão das associações profissionais fêz espalhar pela cidade, realizou-se no último domingo no Teatro Antêro de Quental, que fica no populoso bairro das Antas, um comício de protesto contra as tendências criminosas da cásta detentora da propriedade e dos géneros alimentícios, que, aproveitando-se da anormalidade da situação em que se debate a classe proletária, não trepida em aumentar os preços ás habitações e aos géneros de primeira necessidade.

O comício, aberto ás 11 horas e meia, é presidido por Augusto d'Oliveira, que depois de expôr os fins para que foi convocada a classe trabalhadora, nomeia José Pimenta e Torquato Couto, para secretários.

Dada a palavra a M. J. de Souza, este camarada principia por dizer que as associações nada conseguiram das autoridades para salvaguardar o povo da ganancia dos senhorios e dos negociantes; afirma, portanto, que é necessário que o povo lance mão de meios mais práticos, e depois lê a seguinte moção que é aprovada por unanimidade:

Considerando que os géneros alimentícios de primeira necessidade continuam subindo de preço;

Considerando que os senhorios, a despeito da crise apavorante que afecta as classes pobres, continuam ordenando os despejos aos operários que a falta de trabalho não permite o pagamento regular dos alugueis;

Considerando que as autoridades tem estado mancomunadas com os negociantes e senhorios, como o prova o facto de não serem em pratica medidas humanitárias tendentes a frear a ganancia daqueles exploradores do Povo;

O povo do bairro das Antas e arredores, reunido em comício publico, protesta contra tal monstruosidade e incita a restante população do Porto a unir-se para entrar numa acção mais energica e decisiva para assim ser atendido nas suas reclamações justas.

Porto, 7-2-915. — A mesa

Em seguida falam José Alves, que verbera rijamente a maneira com que os operários empregados nas obras do Monte Pedral são tratados pelos encarregados, Julio de Matos que diz representar ali a comissão contra a carestia da vida, de Gaia, e faz o confronto da exportação do mês de janeiro do ano findo com a do mesmo mês do ano corrente, pela qual se vê que os decretos de agora são letra morta. Norberto de Carvalho, representante do N. Juventude Sindicalista, sintetisa os movimentos contra a carestia da vida, os quais não tem passado de méros paliativos, fazendo um caloroso apêlo ao povo para que ponha de parte a diplomacia e actue duma maneira mais eficaz e que traga resultados mais proficuos.

Eram 13 horas quando foi encerrado o comício, debandando aquêlê multidão que enchia por completo o recinto, aos gritos de «Viva a acção directa» e «Abaixo os paliativos».

Em Lisboa

Realizou-se, promovida pelo Grupo de Instrução e Propaganda do Nucleo Juventude Libertaria, na sua sede, travessa Agua de Flor, 55, a quinta sessão de protesto contra a carestia da vida, na penultima sexta-feira, falando os camaradas Adolfo Nunes, José Barreto, Manuel de Abreu, Joaquim Bispo, José Catarino, Manuel do Couto, Carlos Anhão, Artur Figueira e Augusto Gomes, que verberaram, em frase enérgica, o procedimento dos detentores dos géneros, que sem se importarem com o miserriimo estado das classes produtoras, que continuam subindo o preço dos viveres, no que são auxiliados pelos governantes e autoridades do país.

Também no ultimo domingo, o mesmo Nucleo promoveu a sexta sessão de protesto, na sede do Nucleo da Juventude Sindicalista, em que usaram da palavra os camaradas Anhão, Bernardino Santos, Catarino, Artur Inacio, M. Abreu, Artur Figueira e um delegado da associação dos carregadores do porto de Lisboa, sendo todos unanimes em condenar o quietismo da União Operaria Nacional (1) e diversos sindicatos de classe que tem desprezado esta momentosa e inadiavel campanha,

Achava-se representada a associação dos cortadores.

Na passada quarta-feira realizou-se a sétima sessão no Alto dos Sete Moinhos, fazendo o grupo de propaganda do Nucleo distribuir profusamente um convite ao povo trabalhador o que originou uma grande concorrência a essa sessão, em que usaram da palavra diversos propagandistas do movimento operario, entre eles delegados de associações operarias e da União anarquista comunista da R. do Sul.

N. da R.—Para evitar confusões cumpre-nos esclarecer que as censuras á U. O. N. que acima se leem se referem á secção do Sul, porquanto a secção do Norte colabora no referido movimento da carestia da vida.

Coisas historicas

8-1204—Alexis Ducas, depois de ter mandado estrangular o imperador dos gregos, proclamou-se, em Constantinopla, imperador destes.

9-1896—Em Tunis sai o primeiro número duma revista anarquista com o titulo, *O Protesto Humano*.

10-1913—Graves acontecimentos em Tokio, capital do Japão, por causa da crise politica. Os manifestantes lançam fogo ás redacções dos órgãos do governo, depois de inutilizarem tudo que lá encontram.

11-1543—Auto de fé no Porto, num campo junto á Porta do Sol. Segundo as crónicas, é o único auto de fé de que ha noticia, lavado a efeito nesta cidade...

12-1813—E' suprimido na Espanha, o tribunal da inquisição.

13-1913—Publica-se em Lisboa, o primeiro número de *A Terra Livre*, semanario anarquista muito bem redigido.

14-1914—Termina a greve dos marítimos de Bilbao, obtendo estes vitória parcial.

Lei dos accidentes do trabalho

«Consumia por largos anos o sr. Estevão de Vasconcelos o melhor do seu cerebro e dos seus musculos... abdominais na confecção da lei dos accidentes do trabalho.

Pois o que é essa lei, ficaramos agora sabendo os interessados na questão da Companhia do Gaz. Mas o sr. Estevão de Vasconcelos, como democratico que é, impoz ao Congresso essa beleza de lei e ela ali está a produzir os seus efeitos.»

Assim diz a «Noticia»

Mas o que valem todas as belezas de leis «operárias» é coisa que já há muito devia estar vista e mais que vista.

Burtzeff condenado

Burtzeff é aquêlê revolucionário russo que, residindo em Paris, onde redigia um periódico, correu á Rússia para se bater contra a Alemanha militarista, convencido como Krapótkine de que a actual guerra, em que o tsar está ao lado de duas democracias, havia de tornar materialmente impossivel o regresso á antiga autocracia.

Mal pôs os pés no solo da pátria, foi encarcerado, até que últimamente foi condenado á deportação perpétua na Sibéria, por «crime de lesa-majestade», em virtude de ter publicado em Paris, no seu jornal *O Futuro*, artigos irreverentes em russo.

Quando não é refreada pelo povo, disposto e organizado para a defesa das liberdades, ou quando não tem de manobrar com geito e habilidade diante uma opinião pública forte e esclarecida, a autoridade é sempre estúpida—mente brutal e feroz. O tsarismo não soube sequer dar uma aparência fugidia de verdade á tal pretensão de defender a causa da liberdade e da civilização.

A não ser que se prepare a commedia dum perdão, ou que se pretenda que é já grande liberalismo a deportação perpétua em vez da morte... Mas isso é pouco provavel: inúmeros factos de represão implacavel provam que o tsarismo não se preocupa com fingimentos, nem sequer por amor ás aliadas...

Mentalidade militar

Depois de na Bélgica terem destruido catedrais, profanado igrejas, prendido e brutalizado bispos e padres, os militares germânicos que assolam aquele paiz acharam decerto hábil consolar os católicos com a destruição do monumento a Ferrer em Bruxelas. Imparcialidade de brutos.

Decerto quiseram também causar prazer aos seus simpáticos amigalhotos, os clericais espanhóis.

Quanto aos católicos belgas, não hão de ter ficado muito satisfeitos com o favor, se forem inteligentes. Aquêlê acto, pertindo dos invasores, favoreceu na Bélgica a causa e a memória de Ferrer, assim como a destruição de templos e as violências contra os padres só fizeram bem á causa clerical.

E depois, sem aquêlê «habilidade» pesada de militares, os clericais seriam capazes de vencer o povo da cumplicidade dos livres pensadores da perseguição á religião e nas atrocidades e devastações alemãs. Pareceriam eles as únicas simpáticas vítimas...

Ferrer, que não queria monumentos, se pudesse ver que a destruição do seu ainda por cima presta tam bom serviço ao livre pensamento, havia de rejubilar duplamente. O seu assassinato não fez senão tornar simpática e popular a sua obra; o derribamento do seu monumento faz o mesmo...

A estupidez da violencial

EXPLICAÇÃO

Uma frase, que termina o artigo *Esquecimento de principios* do nosso n.º transacto, pode dar origem a um equívoco e por isso a esclarecemos. Escrevemos, referindo-nos ao camarada Emilio Costa: «O facto de achar justa a argumentação de Malatesta no artigo *A proposito dum desejo* (*Aurora*, 10 de janeiro), limitando-se a negar o facto que lhe serve de ponto de partida, leva nos a esperar que o nosso amigo, entre facilmente em si...» Queríamos dizer que esperamos que o nosso camarada venha a reconhecer aquêlê facto: o esquecimento de principios por parte dos intervençãoistas.

E', porém, fácil para os leitores que não conheçam a verdadeira opinião de Emilio Costa, já por elle formada antes desta controvérsia, terem depreendido dos artigos que elle já publicou no *Germinál* uma outra opinião muito diversa, por exemplo em tudo conforme á de Malato e Krapótkine, ao passo que o nosso amigo fica bem mais perto de nós, tendo sobre os acontecimentos ideias análogas ás de Jean Grave.

Poderia, pois, alguém concluir dos seus próximos artigos uma súbita retirada, um recuo motivado pelo nosso debate. Seria uma impressão falsa; e demais, se não é desprimoroso mudar convictamente de parecer, não seria contudo justo imaginar-se que Emilio Costa formara a sua opinião tam impensadamente, tam atabalhoadamente, que a tinham logo feito desmoronar os mais simples argumentos. O nosso camarada é um homem calmo e reflectido e com certeza pensou e passou bem as suas razões: merece inteiramente esta justiça, que lhe fizemos com prazer.

Os motins de Viena

Telegrafam de Roma ao *Times*:

«Uma pessoa, chegada de Viena, refere que na véspera de natal se deram graves tumultos na capital austriaca.

Aos gritos de *Abaixo a guerra*, desfilaram pelas ruas numerosissimos manifestantes, arrancando as pedras da calçada e arremessando-as contra a policia e a tropa, que deram cargas sobre a multidão.

Levantaram-se barricadas nos bairros operários, que foram ocupados militarmente.

Estes motins são attribuidos principalmente á falta de pão.